

STEPHEN KING

NOVEMBRO DE 63

Publicado
em
1963

... EXTRA

SÁBADO, 23 DE NOVEMBRO DE 1963

DEZ CENTAVOS

JEK MORTO A TIROS, LBJ EMPOSSADO

Primeira-dama escapa
ilese; atirador acusado
pelo assassinato

por MAX H. OFFELL



SUMA
de letras

DALLAS, 23 de Novembro (UPI) — O presidente John Fitzgerald Kennedy e sua esposa, a primeira-dama dos Estados Unidos, Jacqueline Kennedy, foram assassinados a tiros hoje em um carro particular de uma comitiva em Dallas. Ela foi atingida no estômago e deslocada para o Parkland Memorial, onde ficou ferida. Kennedy morreu de um ferimento cerebral pouco depois de chegar ao hospital. O atirador não foi identificado.

O vice-presidente Lyndon B. Johnson, que também participava da comitiva, foi atingido como o presidente nos Estados Unidos, mas não ficou ferido e não morreu após o ataque de Kennedy. Johnson não se feriu.

O senador Lee Harvey Oswald, 24 anos e morador de Dallas, foi preso pela polícia local e detido pelo crime. Oswald foi acusado pelo assassinato do presidente após a divulgação de uma declaração feita ao jornal "New World" de Dallas, onde ele afirmou que havia matado o presidente dos Estados Unidos. Oswald também participou de um jantar de despedida em Cuba.

O presidente e sua esposa cercados pela a polícia de segurança em Dallas, Texas, em 23 de novembro de 1963

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros, disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.Info](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível.



STEPHEN KING

NOVEMBRO DE 63

Tradução
Beatriz Medina



Copyright © 2011 by Stephen King

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA OBJETIVA LTDA.
Rua Cosme Velho, 103
Rio de Janeiro – RJ – CEP: 22241-090
Tel.: (21) 2199-7824 – Fax: (21) 2199-7825
www.objetiva.com.br

Título original
11/22/63

Capa
Adaptação de Barbara Estrada sobre design original de Rex Bonomelli

Imagens de capa
© Bettmann/CORBIS.

Revisão
Ana Kronemberger
Raquel Correa
Joana Milli

Coordenação de e-book
Marcelo Xavier

Conversão para e-book
Abreu's System Ltda.



CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

K64n

King, Stephen

Novembro de 63 [recurso eletrônico] / Stephen King ; tradução Beatriz Medina. - 1. ed. - Rio de Janeiro :
Objetiva, 2013.

523 p., recurso digital

Tradução de: 11/22/63

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-8105-191-8 (recurso eletrônico)

1. Kennedy, John F. (John Fitzgerald), 1917-1963 - Ficção. 2. Ficção americana. 3. Livros eletrônicos. I.
Medina, Beatriz. II. Título.

13-03119 CDD: 813
CDU: 821.111(73)-3

Para Zelda
Oi, querida, bem-vinda à festa.

Para a razão, é praticamente inassimilável que um homenzinho solitário derrube um gigante no meio das suas limusines, legiões, multidão e segurança. Se um zero à esquerda como esse destruiu o líder do país mais poderoso da Terra, um mundo de desproporção nos engole, e vivemos num universo que é absurdo.

Norman Mailer

Quando há amor, marcas de varíola são lindas como covinhas.

Provérbio japonês

Dançar é viver.

NOVEMBRO DE 63

Nunca fui homem de chorar.

A minha ex-mulher dizia que a minha “gama emocional inexistente” era a principal razão de ela ter me deixado (como se o sujeito que ela conheceu nas reuniões do AA não tivesse importância). Christy disse que talvez conseguisse me perdoar por não ter chorado no enterro do pai dela; eu só o conhecia havia uns seis anos e não poderia entender que homem maravilhoso e generoso ele fora (um Mustang conversível de presente na formatura do ensino médio, por exemplo). Mas depois, quando não chorei no enterro dos meus pais — eles morreram com dois anos de diferença apenas, papai de câncer de estômago e mamãe de um enfarte fulminante quando caminhava numa praia da Flórida —, ela começou a entender a coisa da gama inexistente. Eu era “incapaz de sentir os meus sentimentos”, como eles dizem no AA.

— *Nunca* te vi chorar — acusou ela, falando com a voz monótona que todos usam quando exprimem a pá de cal última e absoluta de um relacionamento. — Nem quando você me falou que eu tinha que ir me tratar, senão você ia embora.

Essa conversa aconteceu umas seis semanas antes de ela fazer as malas, levar tudo para o outro lado da cidade e ir morar com Mel Thompson. “Rapaz conhece garota no encontro do AA” — é outro ditado daquelas reuniões.

Não chorei quando me despedi dela. Também não chorei quando voltei para dentro da casinha miúda com hipoteca grandona. A casa aonde nenhum bebê chegou nem chegará. Só me deitei na cama que agora era só minha, pus o braço sobre os olhos e gemi.

Sem lágrimas.

Mas não sou emocionalmente travado. Nisso Christy estava errada. Certo dia, quando eu tinha 9 anos, a minha mãe me esperava na porta quando voltei da escola. E disse que Rags, o meu collie, tinha sido atropelado e morto por um caminhão que nem sequer parou. Não chorei quando o enterramos, embora meu pai me dissesse que ninguém pensaria mal de mim se eu chorasse, mas chorei quando ela me contou. Em parte por ser a minha primeira experiência com a morte; principalmente porque era responsabilidade minha cuidar para que ele ficasse preso em segurança no quintal dos fundos.

E chorei quando o médico da mamãe ligou para me dizer o que acontecera naquele dia na praia.

— Sinto muito, mas não tinha nada a ser feito — contou ele. — Às vezes é muito de repente, e os médicos costumam achar isso uma bênção.

Christy não estava lá — teve de ficar até tarde na escola aquele dia e conversar com uma mãe com dúvidas sobre o último boletim do filho — mas chorei, sim. Entrei na nossa pequena lavanderia e tirei do cesto um lençol sujo e chorei dentro dele. Não por muito tempo, mas as lágrimas vieram. Eu poderia ter lhe contado mais tarde, mas não vi razão, em parte porque ela pensaria que eu estava mendigando piedade (essa não é uma expressão do AA, mas talvez devesse ser), em parte porque não acho que a capacidade de se desmanchar em lágrimas no momento certo deveria ser requisito para o sucesso de um casamento.

Pensando bem, nunca vi o meu pai chorar; no máximo da emoção, ele podia soltar um suspiro profundo ou dar uma risadinha relutante; para William Epping, nada de bater no peito nem gargalhar com a barriga. Ele era do tipo forte e calado e, na maior parte do tempo, a minha mãe também. Então talvez essa coisa de não chorar facilmente seja genética. Mas travado? Incapaz de sentir os meus sentimentos? Não, essas coisas nunca fui.

Além da vez em que recebi a notícia de mamãe, só me lembro de uma ocasião em que chorei

já adulto, e foi quando li a história do pai do zelador. Eu estava sozinho na sala de professores da Lisbon High School corrigindo uma pilha de redações escritas pela turma de inglês do supletivo. No fim do corredor dava para ouvir o barulho da bola de basquete, o clamor da buzina do fim do intervalo e os gritos da multidão enquanto as feras do esporte lutavam: os Galgos de Lisbon contra os Tigres de Jay.

Quem consegue saber quando e por que a vida pende na balança?

O tema que passei foi “O dia que mudou a minha vida”. A maioria das redações era sincera, mas horrível: histórias sentimentais sobre a tia bondosa que acolhera a adolescente grávida, o colega do Exército que demonstrara o verdadeiro significado de bravura, um encontro por acaso com uma celebridade (Alex Trebek, apresentador de *Jeopardy!*, acho, ou talvez tenha sido Karl Malden). Qualquer professor que já recebeu uns 3 ou 4 mil dólares por ano a mais para lecionar num curso supletivo sabe muito bem como esses textos são deprimentes. A questão da avaliação e da nota nem era o problema, pelo menos não para mim; eu aprovava todo mundo, porque nunca tive um aluno adulto que não estivesse se esforçando de verdade. Quem entregasse uma folha de papel com algo escrito podia ter certeza da aprovação de Jake Epping do departamento de inglês da Lisbon High School, e se esse escrito estivesse organizado em parágrafos de verdade, levava no mínimo um B-menos.

Tal trabalho era difícil porque a caneta vermelha acabou se tornando minha principal ferramenta de ensino, em vez da boca, e eu já a tinha esgotado quase completamente. E o trabalho era desanimador pois eu sabia que muito pouco daquelas lições da caneta vermelha permaneceria; quem chega aos 25 ou 30 anos sem saber ortografia (*sincero*, não *cinsero*), usar maiúsculas (*Casa Branca* e não *casa-branca*) nem escrever uma oração contendo substantivo e verbo, provavelmente nunca vai aprender. Mas nós insistimos, circulando corajosamente a palavra mal-usada em frases como *Meu marido me julgou depressa de mais* ou riscando vez e trocando por vezes na frase *Depois nadei um monte de vez para longe da boia*.

Era esse trabalho cansativo e desanimador que eu fazia naquela noite, enquanto logo ali do lado outra partida de basquete colegial seguia rumo ao apito final, mundo sem fim, amém. Não fazia muito tempo que Christy saíra da reabilitação, e suponho que a minha única esperança era chegar em casa e encontrá-la sóbria (e encontrei; ela aguentou a sobriedade melhor do que aguentou o marido). Lembro que estava com um pouco de dor de cabeça e esfregava as têmporas do jeito que a gente faz quando tenta impedir que um cutucãozinho se transforme num porradão. Lembro-me de ter pensado: *Mais três dessas, só três, e posso ir embora daqui. Posso ir para casa, preparar um copão de chocolate instantâneo e mergulhar no novo romance de John Irving sem essas coisas sinceras, mas malfeitas, penduradas sobre a minha cabeça*.

Não houve violinos nem sinos de alarme quando puxei a redação do zelador do alto da pilha e a pus diante de mim, nenhuma sensação de que a minha vidinha estava prestes a mudar. Mas a gente nunca sabe, né? A vida muda sem aviso.

Ele escrevera com uma caneta barata que manchara as cinco páginas em vários pontos. A letra era um rabisco grande mas legível, e ele escrevia com força, porque na verdade as letras estavam entalhadas nas folhas de caderno barato; se eu fechasse os olhos e passasse a ponta dos dedos sobre o verso daquelas páginas arrancadas, seria como ler braille. Havia uma voltinha, quase um floreio, no final de cada y minúsculo. Lembro-me disso com bastante clareza.

Lembro-me também de como a redação começava. Lembro-me de cada palavra.

Não foi um dia foi uma noite. A noite que mudou minha vida foi a noite que meu pai matou minha mãe e dois irmãos e me maxucou muito. Maxucou minha irmã também, tão maxucada que

ela ficou de coma. Dali três anos ela morreu sem acordar. O nome dela era Ellen e eu gostava muito dela. Ela adorava colher florís pra botar nos vasos.

A meio caminho da primeira página, os meus olhos começaram a arder e pousei a minha fiel caneta vermelha. Foi quando cheguei à parte em que ele engatinha para debaixo da cama com sangue correndo nos olhos (*também correu pela minha garganta e tinha um gosto horrível*) que comecei a chorar — Christy ficaria orgulhosíssima. Li tudo até o final sem fazer uma única correção, limpando os olhos para que as lágrimas não caíssem nas páginas que, obviamente, lhe custaram tanto esforço. Eu não tinha achado que ele era mais lento do que o resto, talvez só meio degrau acima do que se costumava chamar de “retardado educável”? Bem, por Deus, havia uma razão para isso, não havia? E uma razão para ser manco, também. Era um milagre que estivesse vivo. Mas estava. Um homem bom que sorria sempre e nunca erguia a voz para as crianças. Um homem bom que passara pelo inferno e se esforçava — humilde e esperançoso, como a maioria deles — para obter o diploma do curso secundário. Mesmo que continuasse como zelador pelo resto da vida, apenas um sujeito de calça verde ou marrom a empunhar a vassoura ou a raspar chiclete do chão com a espátula que sempre levava no bolso de trás. Talvez pudesse ter sido outra coisa, mas certa noite a sua vida mudou sem aviso, e agora ele era apenas um homem de macacão que os garotos chamavam de Harry Sapo por causa do jeito como andava.

Então chorei. Eram lágrimas de verdade, do tipo que vem lá do fundo. Pelo corredor, dava para ouvir a banda de Lisbon tocando a música da vitória — então o time da casa vencera, bom para eles. Mais tarde, talvez, Harry e alguns colegas empurrariam as arquibancadas para varrer o lixo que caíra embaixo.

Risquei um grande A vermelho no alto da redação. Olhei para ela alguns instantes e acrescentei um grande + vermelho. Porque era boa, e porque a dor dele provocara em mim, o leitor, uma reação emocional. Não é isso que textos A+ deveriam fazer? Provocar reações?

Quanto a mim, gostaria que a ex-senhora Christy Epping estivesse certa. Gostaria de ser emocionalmente travado, afinal de contas. Porque tudo o que se seguiu — cada uma daquelas coisas terríveis — veio daquelas lágrimas.

PRIMEIRA PARTE
DIVISOR DE ÁGUAS

CAPÍTULO 1

1

Harry Dunning se formou com nota máxima. Fui à pequena cerimônia de formatura no ginásio da LHS a convite dele. Ele realmente não tinha mais ninguém e fiquei contente em ir.

Depois da bênção (feita pelo padre Bandy, que raramente perde uma solenidade na LHS), abri caminho entre os muitos amigos e parentes até onde Harry estava em pé sozinho, com a sua beca preta inflada, segurando o diploma numa das mãos e o capelo alugado na outra. Peguei o chapéu dele para poder lhe apertar a mão. Ele sorriu, expondo um conjunto de dentes com muitas falhas e vários tortos. Mas um sorriso ensolarado e cativante, mesmo assim.

— Obrigado por ter vindo, sr. Epping. Muito obrigado.

— O prazer foi meu. E pode me chamar de Jake. É uma pequena regalia que concedo a alunos que tenham idade suficiente para serem meus pais.

Ele pareceu confuso um instante e depois riu.

— Acho que tenho, né? Caramba! — Ri também. Muita gente ria à nossa volta. E havia lágrimas, é claro. O que é difícil para mim é fácil para muita gente.

— E aquele A+! Caramba! Nunca tirei um A+ em toda a minha vida! Também nunca esperei por isso!

— Você mereceu, Harry. Então, qual é a primeira coisa que vai fazer como diplomado no ensino médio?

O sorriso se turvou um segundo — era uma possibilidade em que não pensara.

— Acho que vou pra casa. Tenho uma casinha alugada na rua Goddard, sabe. — Ele ergueu o diploma, segurando-o com cuidado com a ponta dos dedos, como se a tinta fosse manchar. — Vou botar isso aqui numa moldura e pendurar na parede. Depois acho que vou servir um copo de vinho, me sentar no sofá e só ficar admirando até a hora de dormir.

— Parece um bom plano — concordei —, mas será que você não gostaria de comer um hambúrguer com fritas comigo antes? A gente podia ir no Al's.

Esperei uma careta, mas é claro que julgava Harry baseado em meus colegas. Sem falar da maioria dos garotos da escola: eles evitavam o Al's a todo custo e preferiam o Dairy Queen em frente à escola ou o Hi-Hat lá na 196, perto de onde ficava o velho Lisbon Drive-In.

— Seria ótimo, sr. Epping. Obrigado!

— Jake, lembra?

— Jake, é claro.

Então levei Harry ao Al's, onde eu era o único freguês do corpo docente, e, embora na verdade houvesse uma garçonete naquele verão, Al nos serviu em pessoa. Como sempre, um cigarro (ilegal em estabelecimentos públicos, mas isso nunca fora problema para Al) fumegava no canto da boca, e o olho daquele lado se franzia com a fumaça. Quando viu a beca dobrada e percebeu qual era a ocasião, insistiu em pagar a conta (e que conta: os lanches do Al eram sempre baratíssimos, o que provocava boatos sobre o destino de alguns animais perdidos na vizinhança). Ele também tirou uma foto nossa, que depois penduraria no Muro das Celebridades da Cidade, como ele dizia. Dentre as outras “celebridades” representadas, estavam o falecido Albert Dunton, fundador da Joalheria Dunton; Earl Higgins, ex-diretor da LHS; John Crafts, fundador da John Crafts Revenda de Automóveis; e, naturalmente, o padre Bandy, da igreja de São Cirilo. (O

padre estava ao lado do papa João XXIII — este último não era morador do local, mas Al Templeton, que se dizia “um bom gatólico”, o reverenciava.) A foto que Al tirou naquele dia mostrava Harry Dunning com um grande sorriso no rosto. Eu estava em pé ao lado dele e ambos segurávamos o diploma. A gravata dele estava meio torta. Lembro-me disso porque me fez pensar naquelas voltinhas que ele punha no final dos y minúsculos. Lembro-me de tudo. Lembro muito bem.

2

Dois anos depois, no último dia do ano letivo, eu estava sentado naquela mesmíssima sala dos professores, lendo um lote de trabalhos finais entregues pela turma de Poesia Americana para alunos destacados. Os garotos já tinham ido embora, liberados para outro verão, e logo eu faria o mesmo. Mas, por enquanto, estava bem contente ali mesmo, gozando o silêncio incomum. Achei até que podia limpar o armário de petiscos antes de ir embora. *Alguém* tinha de fazer isso, pensei.

Mais cedo, naquele dia, Harry Dunning viera mancando até mim depois do primeiro tempo (que foi especialmente barulhento, como costumam ser os primeiros tempos no último dia de aula) e me estendeu a mão.

— Eu só queria lhe agradecer por tudo — anunciou.

Sorri.

— Acho que você já fez isso, não fez?

— É, mas hoje é o meu último dia. Vou me aposentar. Por isso, queria lhe agradecer de novo.

Enquanto eu lhe apertava a mão, um garoto que passava — um calouro apenas, a julgar pela nova safra de espinhas e uns pelos perdidos e tragicômicos no queixo que aspiravam ao grau de cavanhaque — murmurou:

— Harry Sapo não lava o pé, não lava porque não *quééééé*.

Estendi a mão a ele, na intenção de fazê-lo pedir desculpas, mas Harry me impediu. O seu sorriso era tranquilo e sem ofensa.

— Não precisa, não. Tô acostumado. São só crianças.

— É verdade — disse eu. — E o nosso trabalho é lhes dar educação.

— É mesmo, e você é bom nisso. Mas o meu serviço não é virar o... comé que se diz?, o momento de aprendizado de ninguém. Ainda mais hoje. Tomara que o senhor se cuide bem, sr. Epping. — Ele podia ter idade para ser meu pai, mas parece que *Jake* sempre seria demais para ele.

— Você também, Harry.

— Nunca esquecerei aquele A+. Botei numa moldura. Botei bem do lado do diploma.

— Que bom.

E era. Era tudo bom. A redação dele era arte primitiva, mas tão forte e verdadeira quanto qualquer pintura de arte folclórica. Sem dúvida era melhor do que as coisas que eu estava lendo agora. A ortografia dos textos da turma de alunos destacados estava quase toda correta e a dicção era clara (embora os meus cautelosos alunos do tipo “não se arrisque rumo à faculdade” tivessem a tendência irritante de abusar da voz passiva), mas o conteúdo era pálido. Chato. Eram alunos destacados do terceiro ano — Mac Steadman, chefe do departamento, reservava os do quarto ano para si —, mas escreviam como velhinhos e velhinhas, todos fazendo biquinho e *ooh*, *cuidado*, *Mildred*, *não vá escorregar no gelo*. Apesar dos lapsos gramaticais e da letra dolorosa de se ler, Harry Dunning escrevera como um herói. Pelo menos uma vez.

Enquanto eu ponderava sobre a diferença entre escrita ofensiva e defensiva, o interfone da parede pigarreou.

— O sr. Epping está na sala de professores da ala oeste? Por acaso você ainda está aí, Jake?

Levantei, apertei o botão e disse:

— Ainda estou aqui, Glória. Pagando os meus pecados. Em que posso ajudar?

— É um telefonema, um sujeito chamado Al Templeton. Posso transferir, se quiser. Ou posso dizer que você já foi.

Al Templeton, dono e gerente do Al's Diner, onde todo o corpo docente da Escola Pública de Lisbon, com exceção deste que vos fala, se recusava a frequentar. Até o meu estimado chefe de departamento — que tentava soar como um decano de Cambridge, e se aproximava da aposentadoria — já fora flagrado chamando a especialidade da casa de Famoso Gatobúrguer em vez de Famoso Gordobúrguer do Al.

Ah, claro que não é de gato, diziam, ou eu acho que não, mas não pode ser carne de boi de verdade, não a um dólar e dezenove.

— Jake? Dormiu?

— Não, tô bem acordado. — E curioso para saber por que Al me ligaria na escola. Por que me ligaria em qualquer lugar, aliás. A nossa relação sempre fora estritamente de cozinheiro e freguês. Gostava do rango dele e ele gostava da minha fidelidade. — Tudo bem, pode transferir.

— Por que você ainda está aí, afinal?

— Estou me flagelando.

— Ui! — exclamou Glória, e consegui imaginar seus longos cílios piscando. — Adoro quando você fala sacanagem. Aguenta firme e espera o telefone tocar.

Ela desligou. O ramal tocou e atendi.

— Jake? Você tá aí, parceiro?

A princípio achei que Glória tinha entendido o nome errado. Aquela não podia ser a voz do Al. Nem o pior resfriado do mundo produziria um grasnido daqueles.

— Quem fala?

— Al Templeton, ela não te disse? Cristo, aquela música de espera é uma droga. Cadê aquelas músicas boas de antigamente? — Ele começou a tossir tão forte que tive de afastar um pouco o fone do ouvido.

— Parece que você tá gripado.

Ele riu. Também continuou tossindo. A combinação era bem horripilante.

— Ah, se tô. Pode crer.

— Derrubou você de repente, hein. — Eu estivera lá ontem mesmo, para jantar. Um Gordobúrguer, batata frita e milk-shake de morango. Acredito que um homem que mora sozinho precisa sempre incluir todos os grupos alimentares principais nas refeições.

— É, foi de repente. Ou pode-se dizer que demorou um tempo. As duas coisas tão certas.

Não soube o que responder a isso. Já conversara muito com Al nos seis ou sete anos em que frequentava a lanchonete, e ele era meio esquisito — insistia em chamar o time de futebol americano New England Patriots pelo nome antigo, Boston Patriots, e falava do falecido Ted Williams, o jogador de beisebol, como se fossem amigos íntimos — mas nunca tivera uma

conversa tão esquisita assim.

— Jake, preciso te ver. É importante.

— Posso perguntar...

— Espero que pergunte muito, e vou responder, mas não por telefone.

Não sei quantas respostas ele conseguiria dar antes que a voz sumisse, mas prometi que chegaria dali a uma hora, mais ou menos.

— Obrigado. Que seja menos, se der. Como dizem, o tempo voa. — E ele desligou, bem assim, sem dar nem tchau.

Consegui vencer mais duas redações e restavam apenas mais quatro na pilha, mas não adiantava mais. Eu perdera o pique. Assim, enfiei a pilha na pasta e fui embora. Passou pela minha cabeça subir até a secretaria e desejar um bom verão a Glória, mas não me dei ao trabalho. Ela ficaria lá a semana seguinte inteira, fechando as contas de mais um ano letivo, e na segunda eu viria à escola limpar o armário de petiscos — essa promessa fiz a mim mesmo. Senão os professores que usassem a sala oeste nos cursos de verão a encontrariam cheia de bichos.

Se eu soubesse o que o futuro me reservava, sem dúvida teria subido para falar com Glória. Poderia até ter lhe dado o beijo que vinha flertando no ar entre nós nos últimos meses. Mas é claro que eu não sabia. A vida muda de repente.

3

O Al's Diner estava instalado num trailer prateado do outro lado da rua Principal, à sombra da velha tecelagem Worumbo. Lugares assim costumam ter má aparência, mas Al disfarçara os blocos de concreto que sustentavam o estabelecimento com lindos canteiros de flores. Havia até um belo quadrado de grama, que ele mesmo aparava com um velho cortador de empurrar. O cortador de grama era tão bem tratado quanto as flores e o gramado; nem um pontinho de ferrugem nas lâminas giratórias pintadas de cores vivas. Poderia ter sido comprado semana passada na loja Western Auto local... quer dizer, se ainda houvesse uma Western Auto em Lisbon Falls. Antigamente havia, mas na virada do século ela foi vítima das grandes cadeias de megalojas.

Segui o caminho marcado e subi os degraus, depois parei, franzindo a testa. A placa que dizia BEM-VINDO AO AL'S DINER, LAR DO GORDOBÚRGUER! sumira. No seu lugar, havia um quadrado de cartolina dizendo FECHADO PERMANENTEMENTE POR MOTIVOS DE SAÚDE. OBRIGADO PELA PREFERÊNCIA NOS ÚLTIMOS ANOS E DEUS OS ABENÇOE.

Eu ainda não tinha entrado na neblina de irrealidade que logo me engoliria, mas os primeiros tentáculos se esgueiravam ao meu redor, e eu os senti. Não fora um resfriado de verão que causara a rouquidão que ouvira na voz de Al e aquela tosse. Nem tinha sido uma gripe. A julgar pelo cartaz, era algo mais grave. Mas que tipo de doença grave apareceria em meras vinte e quatro horas? Menos do que isso, na verdade. Eram duas e meia da tarde. Ontem eu saíra do Al às cinco e quarenta e cinco e ele estava bem. Quase maníaco, na verdade. Eu me lembro de ter lhe perguntado se bebera demais o próprio café, e ele disse que não, que só pensava em tirar férias. Pessoas que estão ficando doentes — doentes a ponto de fechar a empresa que mantiveram sozinhos durante mais de vinte anos — falam em tirar férias? Algumas, talvez, mas provavelmente não muitas.

A porta se abriu enquanto eu ainda estendia a mão para a maçaneta, e lá estava Al me olhando sem sorrir. Devolvi o olhar, sentindo aquela neblina de irrealidade engrossar à minha volta. O dia

estava quente, mas a neblina era fria. Naquele momento, eu ainda poderia ter dado meia-volta e saído daquilo, voltado para a luz do sol de junho, e parte de mim queria fazê-lo. Mas fiquei paralisado de espanto e pesar. Horror também, posso bem admitir. Porque doenças graves *realmente* nos horrorizam, não é, e Al estava muito doente. Deu para notar com uma olhada só. *Mortalmente* talvez fosse mais exato.

As bochechas, normalmente coradas e agora frouxas e pálidas, não eram o pior sinal. Nem a remela que recobria os olhos azuis, que agora pareciam desbotados e muito míopes. Nem sequer o cabelo, antes quase todo preto, agora quase todo branco — afinal de contas, ele talvez usasse um daqueles produtos de beleza e, no calor do momento, decidisse lavar tudo e deixá-lo ao natural.

A parte impossível era que, nas 22 horas desde que o vira pela última vez, Al Templeton parecia ter perdido quase 15 quilos. Talvez até vinte, o que seria um quarto do seu peso anterior. Ninguém perde 15 ou 20 quilos em menos de um dia, *ninguém*. Mas era o que eu estava vendo. E foi aí, acho, que aquela neblina de irrealidade me engoliu por inteiro.

Al sorriu, e notei que, além de peso, ele tinha perdido dentes. As gengivas estavam pálidas e nada saudáveis.

— O que você acha do novo eu, Jake? — E ele começou a tossir, um barulho grosso de corrente que vinha do fundo do corpo.

Abri a boca. Nenhuma palavra saiu. A ideia de fugir voltou a alguma parte covarde e enojada da minha cabeça, mas, mesmo que essa parte estivesse no controle, eu não teria conseguido. Estava enraizado ali.

Al conseguiu controlar a tosse e tirou um lenço do bolso de trás. Com ele, limpou primeiro a boca e depois a palma da mão. Antes de guardá-lo outra vez, vi que estava riscado de vermelho.

— Entre — disse. — Tenho muito a contar e acho que você é o único que vai escutar. Vai escutar?

— Al — respondi. A minha voz estava tão baixa e sem força que eu mesmo mal a ouvia. — O que lhe aconteceu?

— *Vai escutar?*

— É claro.

— Você fará perguntas e responderei todas as que eu puder, mas tente fazer poucas. Não me resta muita voz. Merda, não me resta muita *força*. Entre, vamos.

Entrei. A lanchonete estava escura, fria e vazia. O balcão estava polido e sem migalhas; o cromado dos banquinhos brilhava; a máquina de café estava espelhada de tão lustrosa; a placa que dizia SE NÃO GOSTA DA NOSSA CIDADE, PROCURE UMA RODOVIÁRIA estava no lugar de sempre, junto à caixa registradora Sweda. A única coisa que faltava eram os fregueses.

Bom, e o proprietário e cozinheiro, é claro. Al Templeton fora substituído por um fantasma velho e doente. Quando ele girou o trinco para nos trancar lá dentro, o som foi muito alto.

— Câncer de pulmão — explicou ele sem rodeios, depois de nos levar a um compartimento na outra ponta da lanchonete. Bateu no bolso da camisa, e vi que estava vazio. O eterno maço de Camel tinha sumido. — Não fiquei lá muito surpreso. Comecei com 11 anos e fumei até o dia em que recebi o diagnóstico. Mais de cinquenta malditos anos. Três maços por dia até que o preço subiu muito em 2007. Aí fiz um sacrifício e reduzi para dois por dia. — Ele deu um riso chiado.

Pensei em lhe dizer que as suas contas tinham que estar erradas, porque eu sabia a idade dele. Certo dia, no último inverno, quando cheguei e lhe perguntei por que pilotava a chapa com um chapéu infantil de festinha de aniversário, ele respondeu *Porque hoje faço 57, amigo. E isso me transforma em antiguidade oficial*. Mas ele me pediu que não fizesse perguntas, a menos que fosse absolutamente necessário, e supus que o pedido incluía não interromper para fazer correções.

— Se eu fosse você, e eu bem gostaria de ser, embora nunca desejaria que você fosse eu, não na minha situação atual, eu pensaria: “Tem alguma coisa errada aqui, ninguém pega câncer avançado de pulmão da noite para o dia.” Está certo?

Fiz que sim. Estava certíssimo.

— A resposta é bastante simples. Não foi da noite para o dia. Comecei a tossir os bofes para fora há uns sete meses, ainda em maio.

Para mim isso era novidade; se ele andou tossindo, não foi enquanto eu estava por perto. Além disso, ele estava fazendo contas erradas de novo.

— Al, fala sério. Estamos em junho. Sete meses atrás era dezembro.

Ele me fez um gesto — os dedos finos, o anel dos Fuzileiros Navais pendurado num dedo onde antes se firmava bem aconchegado — como se dissesse *Deixe pra lá por enquanto, só deixe pra lá*.

— No início achei que era só um resfriado forte. Mas não tinha febre e, em vez de sumir, a tosse piorou. Aí comecei a emagrecer. Bom, não sou burro, colega, e sempre soube que o grande C poderia estar nas minhas cartas... embora o meu pai e a minha mãe fumassem como malditas chaminés e os dois tenham vivido até os oitenta. A gente sempre acha uma desculpa para manter os maus hábitos, não é?

Ele voltou a tossir e puxou o lenço. Quando o ataque se reduziu, continuou:

— Não posso ficar me perdendo do assunto, mas fiz isso a vida toda e é difícil parar. Mais difícil do que parar com o cigarro, na verdade. Da próxima vez que eu começar a divagar, você passe o dedo pela garganta, pode ser?

— Claro — respondi, de forma bastante agradável. Nesse ponto eu já achava que devia estar sonhando. Se fosse isso mesmo, era um sonho extremamente vivo, com até as sombras lançadas pelo ventilador de teto marchando pelos jogos americanos que diziam **NOSSO PATRIMÔNIO MAIS VALIOSO É VOCÊ!**

— Para encurtar a história, fui ao médico, bati raios-X e lá estavam eles, grandes pra chuchu. Dois tumores. Necrose avançada. Inoperáveis.

Raios-X?, pensei, *ainda usam isso para diagnosticar câncer?*

— Fiquei um tempo por lá, mas acabei sendo forçado a voltar.

— De onde? Lewiston? Hospital Geral do Maine?

— Das férias. — Os olhos me fitaram fixamente nos buracos escuros nos quais sumiam. — Só que não foram férias.

— Al, nada disso faz sentido nenhum para mim. Ontem você estava aqui e estava *bem*.

— Dê uma boa olhada na minha cara. Comece com o cabelo e vá descendo. Tente ignorar o que o câncer está me fazendo, ele acaba com a gente pra valer, e depois me diga se sou o mesmo homem que você viu ontem.

— Bom, é óbvio que você lavou a tinta...

— Nunca usei. Nem vou me dar ao trabalho de chamar a sua atenção para os dentes que perdi enquanto estava... fora. Sei que já viu. Acha que uma máquina de raios-X fez isso? Ou estrôncio 90 no leite? Eu nem *bebo* leite, a não ser uma gota na última xícara de café do dia.

— Estrôncio *o quê?*

— Não importa. Entre em contato com o seu, sabe como é, o seu lado feminino. Olhe para mim do jeito que as mulheres olham pras outras quando tentam avaliar a idade.

Tentei fazer o que ele dizia e, embora jamais servisse de prova num tribunal, o que observei me convenceu. Havia teias de rugas a se espalhar a partir do canto dos olhos, e as pálpebras tinham as ruguinhas minúsculas e delicadamente franzidas que se vê em quem não precisa mais comprovar a idade para passar na frente da fila na bilheteria do cinema. Sulcos na pele que ontem não existiam agora traçavam ondas senoidais na testa de Al. Dois outros, muito mais fundos, deixavam a boca entre parênteses. O queixo estava mais pontudo e a pele do pescoço tinha afrouxado. O queixo pontudo e a garganta pelancuda poderiam ter sido causados pelo emagrecimento catastrófico de Al, mas aquelas rugas... e se ele não mentia sobre o cabelo...

Al sorria de leve. Era um sorriso amargo, mas não sem verdadeiro humor. O que, de certa forma, o deixava pior.

— Você se lembra do meu aniversário em março passado? Você disse: “Não se preocupe, Al, se esse chapeuzinho ridículo pegar fogo enquanto você está aí na chapa, eu pego o extintor e te apago.” Lembra?

Eu lembrava.

— Você disse que era uma antiguidade oficial.

— Pois é. E agora tenho 62. Sei que o câncer me deixa com cara de mais velho ainda, mas essas... e essas... — ele tocou a testa e o canto de um dos olhos. — Essas são tatuagens autênticas da idade. Medalhas de honra, de certa forma.

— Al... posso tomar um copo d’água?

— É claro. Chocante, não é? — Ele me olhou com solidariedade. — Você está pensando: “Estou maluco, ele está maluco ou ambos estamos.” Eu sei. Já passei por isso.

Al se forçou a levantar da mesa com esforço, a mão direita debaixo da axila esquerda, como se tentasse dar um jeito de se segurar. Depois, me levou para detrás do balcão. Enquanto isso, identifiquei outro elemento desse encontro irreal: a não ser pelas ocasiões em que dividimos o banco da igreja de São Cirilo (foram raras; embora tivesse sido criado na fé, não sou muito “gatólico”) ou em que nos encontramos por acaso na rua, nunca tinha visto Al sem o avental de cozinheiro.

Ele pegou um copo cintilante e me serviu água de uma cintilante torneira cromada. Agradei e me virei para voltar à mesa, mas ele me deu um tapinha no ombro. Preferia que não tivesse feito isso. Foi como ser cutucado pelo Velho Marinheiro do poema de Coleridge, “que detém um de três”.

— Quero que veja algo antes de voltarmos a nos sentar. Vai ser mais rápido assim. Só que *ver* não é a palavra certa. Acho que *viver* chega bem mais perto. Beba lá, amigo.

Tomei metade da água. Estava fresca e boa, mas nunca tirei os olhos dele. Aquela parte covarde minha esperava ser atacada, como a primeira vítima desavisada de um daqueles filmes de psicopatas que sempre parecem ter números no título. Mas Al só ficou ali parado, com uma

das mãos apoiada no balcão. A mão era enrugada, os nós dos dedos grandes. Não parecia a mão de um homem de 50 e tantos, mesmo com câncer, e...

— A radiação fez isso? — perguntei de repente.

— Isso o quê?

— Você está *bronzado*. Sem falar desses sinais escuros nas costas da mão. Ou é radiação, ou sol demais.

— Bom, como não fiz nenhum tratamento de radioterapia, só resta o sol. Tenho tomado muito sol nos últimos quatro anos.

Até onde eu sabia, Al passara a maior parte dos últimos quatro anos virando hambúrgueres e fazendo milk-shakes debaixo de lâmpadas fluorescentes, mas não disse nada. Só tomei o resto da água. Quando pousei o copo no balcão de fórmica, notei que a minha mão tremia de leve.

— Pronto, o que quer que eu veja? Ou viva?

— Venha cá.

Ele me levou pela área comprida e estreita da cozinha, passando pela chapa dupla, pelas fritadeiras, a pia, a geladeira FrostKing e o freezer que batia na cintura e zumbia. Parou diante da lava-louças calada e apontou a porta do outro lado da cozinha. Era baixa; Al teria de curvar a cabeça para passar e não chegava a um metro e setenta. Tenho um e noventa; alguns garotos me chamavam de Eppingcôptero.

— É ali — anunciou. — Por aquela porta.

— Não é a sua despensa? — Pergunta estritamente retórica; com o passar dos anos, eu o vira trazer latas, sacos de batata e sacolas de mantimentos secos suficientes para saber muito bem que era.

Al parecia não ter ouvido.

— Sabia que eu inaugurei esta birosca em Auburn?

— Não.

Al fez que sim e bastou isso para provocar outro ataque de tosse. Ele o sufocou com o lenço cada vez mais repulsivo. Quando o último ataque finalmente se reduziu, ele jogou o lenço numa lata de lixo e pegou um maço de guardanapos de papel do porta-guardanapo do balcão.

— É um Aluminaire, feito nos anos trinta, mais art déco, impossível. Quis um desde que o meu pai me levou no Chat 'N Chew, em Bloomington, quando criança. Comprei totalmente equipado e inaugurei na rua Pine. Fiquei naquele lugar quase um ano e vi que, se continuasse, faliria dali a outro ano. Havia lanchonetes demais na vizinhança, algumas boas, outras nem tanto, todas com fregueses fiéis. Eu era como o garoto recém-saído da faculdade de Direito que pendura a sua plaquinha numa cidade que já tem uma dúzia de rábulas bem-estabelecidos. Além disso, naquela época o Famoso Gordobúrguer do Al era vendido por dois e cinquenta. Mesmo em 1990, dois e cinquenta era o mínimo que eu conseguia cobrar.

— Então como consegue vendê-lo hoje por menos da metade? A menos que seja *mesmo* gato.

Al fungou, e o ruído provocou um eco encatarrado de si mesmo no fundo do peito.

— Amigo, isso que eu vendo é cem por cento pura carne bovina americana, a melhor do mundo. Você acha que eu não sei o que dizem por aí? É claro que sei. Mas não ligo. O que que se pode fazer? Proibir que falem? É o mesmo que proibir o vento de soprar.

Passsei o dedo pela garganta. Al sorriu.

— É, saí dos trilhos de novo, eu sei, mas pelo menos isso faz parte da história. Eu poderia continuar batendo a cabeça contra a parede na rua Pine, mas Yvonne Templeton não criou nenhum idiota. “Melhor fugir para voltar a lutar outro dia”, ela sempre dizia. Peguei o que restava do meu capital, convenci o banco a me emprestar mais cinco mil, não me pergunte como, e me mudei aqui pra Falls. Os negócios não têm sido muito bons, por causa dessa crise econômica e dessa boataria idiota sobre Gatobúrguer, Cachorrobúrguer e Gambabúrguer ou sei lá o que imaginam por aí, mas acontece que não tô mais preso à economia que nem outros. E tudo por causa do que tá atrás daquela porta da despensa. Não tava lá quando me instalei em Auburn, isso eu posso jurar sobre uma pilha de Bíblias de três metros de altura. Só apareceu aqui em Falls.

— Do que você está falando?

Ele me encarou com firmeza, com aqueles olhos aquosos e recém-envelhecidos.

— Por enquanto a falação acabou. Você precisa descobrir por si mesmo. Vamos, abra.

Eu o olhei com dúvida.

— Pense nisso como o último pedido de um moribundo — insistiu ele. — Vamos, amigo. Se é que você é mesmo meu amigo, né? Abre a porta.

5

Eu mentiria se dissesse que o meu coração não engatou uma marcha mais acelerada quando girei a maçaneta e puxei. Não fazia ideia do que poderia enfrentar (embora acho que me lembro de ter pensado rapidamente numa imagem de gatos mortos, esfolados e prontos para o moedor de carne), mas quando Al enfiou a mão ao lado do meu ombro e acendeu a luz, o que vi foi...

Bom, uma despensa.

Era pequena e tão arrumada quanto o resto da lanchonete. Havia prateleiras carregadas com grandes latas tamanho restaurante em ambas as paredes. Na outra ponta do cômodo, onde o teto se curvava para baixo, havia material de limpeza, embora a vassoura e o esfregão tivessem de ficar deitados porque aquela parte do cubículo tinha no máximo um metro de altura. O chão era do mesmo linóleo cinza escuro da lanchonete, mas em vez do leve aroma de carne cozida, ali havia cheiro de café, legumes e temperos. Havia outro cheiro, também, fraco e não muito agradável.

— Certo — comentei. — É a despensa. Arrumada e bem cheia. Você ganhou um A em gerência de suprimentos, se é que isso existe.

— Que cheiros você tá sentindo?

— Temperos, principalmente. Café. Talvez aromatizador de ambientes também, não sei.

— Isso, uso Glade. Por causa do outro cheiro. Está me dizendo que não sente mais cheiro nenhum?

— É, tem mais alguma coisa. Meio sulfuroso. Lembra fósforo queimado. — Também me fazia pensar no gás venenoso que eu e a minha família soltávamos depois do feijão que a minha mãe fazia no jantar de sábado, mas não quis comentar isso. Será que tratamento de câncer faz a gente peidar?

— É enxofre. Outras coisas também, nada de Chanel nº 5. É o cheiro da fábrica, amigo.

Mais outra maluquice, porém tudo o que eu disse (num tom de cortesia absurda) foi:

— É mesmo?

Ele sorriu de novo, expondo aqueles buracos onde ontem havia dentes.

— O que você foi educado demais para dizer é que a Worumbo fechou quando Moisés era criança. Que na verdade queimou quase toda no final da década de oitenta, e que agora, lá fora, — ele apontou o polegar para trás por sobre o ombro —, só tem uma loja de fábrica. Uma parada básica de turistas no País das Férias, como a Kennebec Fruit Company durante o festival do refrigerante Moxie. Você também está achando que está na hora de pegar o celular e ligar para os homens de jaleco branco. É mais ou menos isso, amigo?

— Não vou chamar ninguém, porque você não está maluco. — Eu estava longe de ter certeza disso. — Mas aqui só tem uma despensa, e é verdade que a Tecelagem Worumbo não produziu nenhuma peça de pano nos últimos 25 anos.

— Você não vai chamar ninguém, nisso você está certo, porque quero que você me entregue o celular, a carteira e todo o dinheiro que tiver no bolso, inclusive as moedas. Não é um assalto, vou lhe devolver tudo. Pode ser?

— Quanto tempo vai levar, Al? Porque tenho umas redações para corrigir antes de fechar o ano.

— Vai levar o tempo que você quiser — respondeu Al —, porque só leva dois minutos. *Sempre* leva dois minutos. Você pode levar o tempo que for, e olhar tudo em volta, se quiser, mas eu não faria isso, não da primeira vez, porque é um choque para o sistema. Você vai ver. Confia em mim? — Algo que viu no meu rosto fez os seus lábios se apertarem sobre aquele conjunto reduzido de dentes. — Por favor. *Por favor*, Jake. Pedido de um moribundo.

Eu tinha certeza de que Al estava maluco, mas tinha igual certeza de que dizia a verdade sobre o seu estado. Os olhos pareciam ter recuado mais fundo nas órbitas no pouco tempo em que estávamos conversando. Ele também estava exausto. Bastaram as duas dúzias de passos da mesa numa ponta da lanchonete até a despensa na outra ponta para que Al cambaleasse. E o lenço ensanguentado, disse a mim mesmo. Não se esqueça do lenço ensanguentado.

Além disso... às vezes é simplesmente mais fácil ir em frente, não acha? “Vá em frente e entregue a Deus”, gostam de dizer nas reuniões que a minha ex-mulher frequenta, mas decidi que esse seria um caso de vá em frente e entregue a Al. Até certo ponto, pelo menos. E, ora, disse eu com os meus botões, a gente tem de passar por mais complicação hoje em dia só para embarcar num avião. Ele nem está me pedindo para pôr os sapatos numa esteira.

Soltei o celular do cinto e o pus em cima de uma caixa de atum enlatado. Juntei a carteira, um pequeno maço de notas, um dólar e meio mais ou menos em moedas e o chaveiro.

— Fique com as chaves, elas não importam.

Bom, para mim importavam, mas fiquei de boca fechada.

Al enfiou a mão no bolso e tirou um maço de notas bem mais grosso do que aquele que eu depositara em cima da caixa de papelão. Estendeu o maço para mim.

— Dinheiro de maluco. Caso queira comprar uma lembrança ou coisa assim. Vamos, pega.

— Por que eu não usaria o meu dinheiro para isso? — Parecia bastante sensato, pensei. Como se essa conversa maluca tivesse algum sentido.

— Não se importe com isso agora — respondeu Al. — A experiência vai responder quase todas as suas perguntas melhor do que eu, mesmo que eu tivesse me sentindo nos trinques. E agora estou absolutamente sem trinque nenhum. Pega o dinheiro.

Peguei o dinheiro e o folhee. Havia notas de um no alto, e pareciam normais. Aí cheguei a

uma nota de cinco, e ela parecia normal e anormal. Dizia **SILVER CERTIFICATE** acima da efígie de Abraham Lincoln, e à esquerda dele havia um grande 5 azul. Ergui-a contra a luz.

— Não é falsificada, se é o que está pensando. — Al parecia cansado, mas divertido.

Talvez não — no tato era tão real quanto parecia —, mas não havia imagem visível contra a luz.

— Se for verdadeira, é velha — disse eu.

— Ponha o dinheiro no bolso, Jake.

Pus.

— Tem calculadora de bolso? Algum outro aparelho eletrônico?

— Nada.

— Acho então que agora pode ir. Vire-se para ficar de frente para os fundos da despensa. — Antes que eu fizesse isso, ele deu um tapa na testa e disse: — Meu Deus, cadê os meus miolos? Esqueci o Homem do Cartão Amarelo.

— Quem? O quê?

— O Homem do Cartão Amarelo. É assim que eu chamo ele, não sei o nome verdadeiro do cara. Tome, pega isso. — Ele remexeu o bolso e me entregou uma moeda de cinquenta centavos. Não via uma dessas há anos. Talvez desde criança.

Senti seu peso na minha mão.

— Acho que você não vai querer me dar isso. Provavelmente vale alguma coisa.

— É claro que vale alguma coisa, vale meio dólar.

Ele começou a tossir, e dessa vez a tosse o sacudiu como um vento forte, mas acenou para que eu me afastasse quando fiz menção de ir na direção dele. Ele se apoiou na pilha de caixas de papelão com as minhas coisas em cima, cuspiu no maço de guardanapos, olhou, fez uma careta e fechou o punho em torno deles. Agora o rosto emaciado estava coberto de suor.

— Tô com umas ondas de calor ou coisa parecida. O maldito câncer está mexendo com o termostato junto com o resto das minhas tripas. Bem, o Homem do Cartão Amarelo. Ele é bebum, é inofensivo, mas não é como os outros. É como se ele *soubesse* alguma coisa. Acho que é só coincidência, porque ele tá empoleirado perto de onde você vai sair, mas quero lhe explicar sobre ele.

— Bom, então não está fazendo um bom serviço — disse eu. — Não faço a mínima ideia de que merda você está falando.

— Ele vai te dizer: “Tenho um cartão amarelo da fachada verde, então me dá um dólar porque hoje é dia de grana dupla.” Entendeu?

— Entendi. — O buraco ficava cada vez mais fundo.

— E ele *tem mesmo* um cartão amarelo enfiado na aba do chapéu. Talvez seja apenas um cartão de empresa de táxi, ou talvez um cupom de mercado que achou na sarjeta, mas os miolos do cara estão cheios de vinho barato, e parece que ele acha que o cartão é o Bilhete Dourado da Fábrica de Chocolate do Willy Wonka. Então *você* diz: “Um dólar não posso gastar, mas toma cinquentinha” e lhe entrega a moeda. Aí talvez ele diga... — Al ergueu um dos seus dedos agora esqueléticos. — Ele *pode* perguntar algo como “Por que você está aqui?” ou “De onde você veio?”. Pode até dizer algo como “Você não é o mesmo sujeito.” Acho que não, mas é possível. Tem muita coisa que eu não sei. Não importa o que ele diga, deixe ele lá no barracão de

secagem, onde ele fica, e saia pelo portão. Quando você sair, é provável que ele diga: “Eu sei que você pode gastar um dólar, seu babaca pão-duro”, mas não dê atenção. Não olhe para trás. Atravesse os trilhos e estará no cruzamento da Principal com a Lisbon. — Ele me deu um sorriso irônico. — Depois disso, amigo, o mundo é seu.

— Barracão de secagem? — Pensei ter lembrado vagamente de *alguma coisa* perto do lugar onde ficava a lanchonete agora, e supus que podia ser o barracão de secagem da velha tecelagem Worumbo, o que quer que tenha sido, não existia mais. Se tivesse uma janela nos fundos da despensinha aconchegante da Aluminaire, ela daria apenas para um pátio de tijolos e uma loja de roupa de inverno chamada Your Maine Snuggery. Ali eu já me dera de presente uma parca North Face pouco depois do Natal, por um precinho camarada.

— Deixa o barracão de secagem pra lá, é só não esquecer o que eu lhe disse. Agora se vire outra vez; isso; e avance dois ou três passos. Passinhos. Passinhos de bebê. Finja que está tentando achar o alto de uma escada com a luz apagada... com cuidado assim.

Fiz o que ele disse, me sentindo o maior pateta do mundo. Um passo... baixando a cabeça para não bater no teto de alumínio... dois passos... agora realmente me agachando um pouco. Mais alguns passos e eu teria de ficar de joelhos. Isso eu não faria, com ou sem pedido de moribundo.

— Al, isso é ridículo. A não ser que você queira que eu pegue uma caixa de coquetel de frutas ou algum desses pacotinhos de gelatina, não há nada que eu possa fazer aq...

Foi então que o meu pé caiu, do jeito que o pé cai quando a gente começa a descer uma escada. Só que o meu pé ainda estava firme no chão de linóleo cinza escuro. Dava para ver.

— Lá vai você — disse Al. O cascalho sumira da sua voz, pelo menos temporariamente; as palavras eram suaves de satisfação. — Você achou, amigo.

Mas o que eu tinha achado? O que eu estava vivendo, exatamente? O poder da sugestão parecia ser a resposta mais provável, já que, sentisse o que sentisse, conseguia ver o meu pé no chão. Só que...

Sabe como, num dia claro, a gente consegue fechar os olhos e ver a imagem daquilo que olhava antes? Era assim. Quando olhei o meu pé, vi que estava no chão. Mas quando *pisquei* — um milissegundo antes ou um milissegundo depois que os meus olhos se fecharam, não sei qual — avistei o meu pé num degrau. E também não era à luz fraca de uma lâmpada de 60 watts. Era no sol forte.

Parei.

— Continue — disse Al. — Nada vai lhe acontecer, amigo. É só continuar. — Ele tossiu com força e depois disse, num tipo de grunhido desesperado: — *Preciso que faça isso.*

Então fiz.

Que Deus me ajude, eu fiz.

CAPÍTULO 2

1

Dei outro passo à frente e desci mais um passo. Os meus olhos ainda me diziam que eu estava em pé no chão da despensa do Al's Diner, mas eu estava ereto e o topo da minha cabeça não encostava mais no teto da despensa. O que, naturalmente, era impossível. O meu estômago revirou descontente como reação à confusão sensorial, e senti o sanduíche de salada de ovos e o pedaço de torta de maçã que comera no almoço se prepararam para apertar o botão de ejetar.

Atrás de mim — mas um pouco distante, como se estivesse a quinze metros de distância e não a apenas um metro e meio — Al disse:

— Feche os olhos, amigo, é mais fácil assim.

Quando fechei, a confusão sensorial sumiu na mesma hora. Foi como desenvesgar os olhos. Ou pôr os óculos especiais num filme em 3-D, uma analogia mais adequada. Movi o pé direito e desci outro degrau. *Eram* degraus; com os olhos fechados, o meu corpo não teve dúvidas a respeito.

— Mais dois e abra — disse Al. Ele parecia mais longe do que nunca. No outro lado da lanchonete, em vez de bem na porta da despensa.

Desci com o pé esquerdo. Desci com o pé direito de novo e, de repente, ouvi um estalo dentro da cabeça, exatamente do mesmo tipo que a gente sente quando está no avião e a pressão muda de súbito. O campo escuro dentro das minhas pálpebras se avermelhou e havia calor na pele. Era a luz do sol. Nenhuma dúvida a respeito. E aquele leve cheiro sulfuroso ficara mais espesso, subindo na escala olfativa de malperceptível para ativamente desagradável. Também não havia nenhuma dúvida a respeito disso.

Abri os olhos.

Eu não estava mais na despensa. Também não estava mais no Al's Diner. Embora não houvesse porta entre a despensa e o mundo exterior, eu *estava* do lado de fora. Estava no pátio. Mas não era mais de tijolos e não havia lojas de fábrica em volta dele. Eu estava em pé no cimento sujo e esfarelado. Havia vários receptáculos imensos de metal encostados no muro branco e vazio onde deveria estar a loja de casacos. Estavam carregadíssimos e cobertos com panos de lona marrom e áspera, do tamanho de velas de navio.

Virei-me para olhar o grande trailer prateado que abrigava a lanchonete do Al, mas ele sumira.

2

Onde o trailer deveria estar havia o vasto vulto dickensiano da Tecelagem Worumbo, em pleno funcionamento. Dava para ouvir o estrondo das máquinas de tingir e secar, o *chont-HUUCH*, *chont-HUUCH* dos imensos teares que antes enchiam o segundo andar (eu vira fotos dessas máquinas, operadas por mulheres de guarda-pó e lenço na cabeça, no minúsculo prédio da Sociedade Histórica de Lisbon, no alto da rua Principal). Uma fumaça cinza-esbranquiçada se despejava de três chaminés altas que, na década de oitenta, caíram durante uma grande ventania.

Eu estava parado ao lado de um grande prédio em forma de cubo, pintado de verde — supus que fosse o barracão de secagem. Enchia metade do pátio e tinha uns seis metros de altura. Eu descera uma escada, mas agora não havia degraus. Não havia como voltar. Tive um surto de pânico.

— Jake? — era a voz de Al, muito fraca. Parecia chegar aos meus ouvidos por um mero truque de acústica, como uma voz que se propaga quilômetros dentro de um desfiladeiro

comprido e estreito. — Você pode voltar do mesmo jeito que chegou aí. Sinta os degraus.

Ergui o pé esquerdo, baixei-o, senti um degrau. O meu pânico diminuiu.

— Continue. — Fraco. Uma voz aparentemente movida pelo próprio eco. — Dê uma olhada por aí e volte.

A princípio não fui a lugar nenhum, só fiquei parado, limpando a boca com a palma da mão. Parecia que os meus olhos iam saltar das órbitas. Meu couro cabeludo e uma faixa estreita de pele que descia pelo meio das costas estavam arrepiados. Eu estava com medo — quase apavorado — mas equilibrando esses sentimentos, e muito curiosamente mantendo o pânico sob controle (por enquanto). Eu via minha sombra no concreto, tão nítida como se fosse de pano preto recortado. Via flocos de ferrugem na corrente que isolava o barracão de secagem do resto do pátio. Sentia o cheiro do poderoso efluente que era despejado das chaminés triplas, forte o suficiente para fazer os meus olhos arderem. Bastava um inspetor de meio ambiente dar uma cheirada naquela merda para fechar tudo aquilo numa fração de segundo. Só que... acho que não havia inspetores de meio ambiente na vizinhança. Eu nem sabia se esse tipo de coisa já tinha sido inventada. Eu sabia onde estava: Lisbon Falls, no estado do Maine, bem no coração do condado de Androscoggin.

A verdadeira pergunta era *quando* eu estava.

3

Havia uma placa pendurada na corrente, mas não dava para ler — a mensagem estava voltada para o outro lado. Comecei a andar até ela, depois dei meia-volta. Fechei os olhos e arrastei os pés à frente, lembrando-me de dar passinhos de bebê. Quando o pé esquerdo bateu no primeiro degrau que levava de volta à despensa do Al's Diner (ou assim eu esperava com devoção), enfiei a mão no bolso de trás e tirei uma folha de papel dobrada: o memorando do meu exaltado chefe de departamento dizendo: “Tenha um bom verão e não esqueça o dia da reunião geral em julho.” Imaginei por um instante o que ele pensaria se no ano que vem Jake Epping desse um curso de seis semanas intitulado *A literatura da viagem no tempo*. Depois, rasguei uma tira do alto, amassei e deixei cair no primeiro degrau da escada invisível. Caiu no chão, é claro, mas de qualquer maneira marcava o lugar. Era uma tarde quente e parada e achei que a bolinha não seria soprada, mas catei um pedaço de concreto e o usei como peso de papel, só para ter certeza. Ficou no degrau, mas também ficou no pedaço do memorando. Porque não *havia* degrau. Um trechinho de uma antiga música popular me passou pela cabeça: *First there is a mountain, then there is no mountain, then there is* (Primeiro há uma montanha, depois não há montanha, depois há.)

Dê uma olhada por aí, dissera Al, e decidi que era o que faria. Imaginei que, se ainda não tivesse enlouquecido, provavelmente continuaria bem por mais algum tempo. Quer dizer, a menos que eu presenciasse um desfile de elefantes cor-de-rosa ou um óvni sobrevoando a John Crafts Auto. Tentei dizer a mim mesmo que aquilo não estava acontecendo, *não podia* estar acontecendo, mas não adiantou. Filósofos e psicólogos podem discutir o que é real ou não, mas a maioria de nós, que levamos vidas comuns, conhecemos e aceitamos a textura do mundo à nossa volta. Aquilo estava acontecendo. Afinal, era fedorento demais para ser uma alucinação.

Andei até a corrente, que pendia no nível da coxa, e passei debaixo dela. Do outro lado estava escrito, com tinta preta e letras em estêncil: **PROIBIDO PASSAR DESTE PONTO ATÉ CONSERVO DO CANO DE ESGOTO**. Olhei para trás de novo, não vi sinais de que houvesse reparos iminentes, contornei o canto do barracão de secagem e quase tropecei no homem que tomava sol ali. Não que ele pudesse se bronzear muito. Usava um sobretudo velho e preto que se amontoava em torno do corpo como uma sombra amorfa. Havia manchas rachadas de catarro

seco em ambas as mangas. O corpo dentro do casaco era magro a ponto de estar emaciado. O cabelo cinza-chumbo pendia emaranhado em torno das bochechas ásperas de barba. Era um bebum, o mais típico dos bebuns.

Meio torto na cabeça tinha um fedora imundo que parecia saído diretamente de um filme *noir* da década de 1950, do tipo em que todas as mulheres têm uma baita comissão de frente e todos os homens falam depressa em torno do cigarro pendurado no canto da boca. E, claro, enfiado na fita do fedora, como o passe de imprensa dos repórteres de antigamente, estava um cartão amarelo. Provavelmente já fora de um amarelo vivo, mas o manuseio frequente por dedos sujos o tinham deixado turvo.

Quando a minha sombra caiu sobre o seu colo, o Homem do Cartão Amarelo se virou e me examinou com olhos turvos.

— Que merda você é? — perguntou, só que saiu *Quiméeda ceé?*

Al não me dera instruções detalhadas sobre como responder perguntas, e eu disse o que me pareceu mais seguro.

— Não é da porra da sua conta.

— Ora, então vá se foder.

— Ótimo — disse eu. — Estamos de acordo.

— Hem?

— Tenha um bom dia. — Parti na direção do portão, aberto sobre um trilho de aço. Além dele, à esquerda, havia um estacionamento que nunca estivera lá. Estava cheio de carros, a maioria já desgastada, e todos velhos o suficiente para estarem num museu de automóveis. Havia Buicks com escotilhas e Fords com nariz de torpedo. *Eles pertencem a operários de verdade*, pensei. *Operários de verdade que estão lá dentro agora, trabalhando para ganhar o seu salário.*

— Tenho um cartão amarelo da fachada verde — disse o bebum. Ele soava truculento e perturbado ao mesmo tempo. — Então me dê um dólar porque hoje é dia de grana dupla.

Estendi a moeda de cinquenta centavos. Sentindo-me o ator que só tem uma fala na peça, respondi:

— Um dólar não posso gastar, mas tome cinquentinha.

Então lhe dê a moeda, dissera Al, mas nem precisei. O Homem do Cartão Amarelo a arrancou de mim e a segurou junto ao rosto. Por um instante pensei que ia mesmo mordê-la, mas ele só fechou em torno dela a mão de dedos compridos e a fez sumir. Ele me espiou de novo, o rosto quase cômico de desconfiança.

— Quem é você? O que está fazendo aqui?

— Não faço a menor ideia — respondi e me virei de volta para o portão. Esperei que me lançasse mais perguntas, mas só houve silêncio. Saí pelo portão.

O carro mais novo do estacionamento era um Plymouth Fury, provavelmente do meio ou fim da década de 1950. A placa parecia uma versão absurdamente antiga da placa de trás do meu Subaru; a pedido da minha ex-esposa, viera com uma fita rosa da campanha contra o câncer de mama. Aquela que eu olhava agora dizia mesmo TERRA DAS FÉRIAS, mas era alaranjada em vez de branca. Como na maioria dos estados, hoje as placas do Maine têm letras — a do meu Subaru é 23383 IY — mas a placa de trás do Fury branco e vermelho quase novo era 90-811. Sem letras.

Toquei o porta-malas. Estava duro e quente do sol. Era real.

Atravesse os trilhos e estará no cruzamento da Principal com a Lisbon. Depois disso, amigo, o mundo é seu.

Não havia trilhos de trem passando diante da velha fábrica — no meu tempo não, não havia —, mas lá estavam eles direitinho. E também não eram restos de artefatos. Estavam polidos, faiscantes. E em algum lugar a distância dava para ouvir o *uuff-chuff* de um trem de verdade. Quando foi a última vez que os trens passaram por Lisbon Falls? Acho que já não passam por aqui desde a época em que a tecelagem fechou e a U.S. Gypsum funcionava noite e dia.

Só que a U.S. Gypsum está funcionando noite e dia agora mesmo, pensei. Aposto que sim. E a tecelagem também. Porque isto aqui não é mais a segunda década do século XXI.

Eu começara a andar de novo sem sequer perceber — andar como um homem num sonho. Agora estava na esquina da Principal com a Rodovia 196, também conhecida como Estrada Velha de Lewiston. Só que nela não havia nada velho. E, na diagonal, do outro lado do cruzamento, na esquina oposta...

Era a Kennebec Fruit Company, sem dúvida um nome grandioso para uma loja que tinha cambaleado à beira do esquecimento — ou pelo menos assim me parecia — durante os dez anos que passei dando aulas na LHS. A sua improvável *raison d'être* e único meio de sobrevivência era o Moxie, o mais esquisito dos refrigerantes. O proprietário da Fruit Company, um senhor idoso de temperamento doce chamado Frank Anicetti, me disse certa vez que a população do mundo se dividia naturalmente (e provavelmente por herança genética) em dois grupos: os pouquíssimos eleitos abençoados que punham o Moxie acima de todos os outros refrigerantes e refrescos... e o resto. Frank chamava o resto de “triste maioria deficiente”.

A Kennebec Fruit Company do meu tempo é um caixote verde e amarelo desbotado com uma vitrine suja e desprovida de mercadorias... a não ser que o gato que às vezes dorme ali esteja à venda. O telhado está acanalado pela neve de muitos invernos. Há pouco à venda lá dentro, a não ser suvenires Moxie: camisetas laranja vivo que diziam ADORO MOXIE!, chapéus laranja vivo, calendários antigos, plaquinhas de lata que *pareciam* antigas mas provavelmente foram feitas ano passado na China. Durante a maior parte do ano, o lugar fica abandonado pelos fregueses, a maioria das prateleiras vazia de mercadorias... embora ainda se consigam alguns petiscos açucarados ou um saco de batatas fritas (quer dizer, se você gostar do tipo com sal e vinagre). A geladeira de refrigerantes só tem Moxie. A de cerveja está vazia.

Todo mês de julho, Lisbon Falls abriga o Festival de Moxie do Maine. Há bandas de rock, fogos de artifício e um desfile — juro que é verdade — com balões em forma de Moxie e misses locais vestidas de maiô cor de Moxie, ou seja, um alaranjado tão vivo que pode queimar a retina. O comandante do desfile sempre se veste como o doutor Moxie que aparece na latinha, ou seja, de jaleco branco, estetoscópio e um daqueles espelhos esquisitos presos na cabeça com uma faixa. Dois anos antes, a comandante foi Stella Langley, diretora da LHS, e ela nunca superou o trauma.

Durante o festival, a Kennebec Fruit Company ganha vida e vende muito, principalmente a turistas confusos a caminho das áreas de veraneio no oeste do Maine. No resto do ano, mal passa de uma casca assombrada pelo leve odor de Moxie, um cheiro que sempre me lembrou — provavelmente porque pertença à triste maioria deficiente — do Musterole, o troço fabulosamente fedorento que a minha mãe insistia em esfregar na minha garganta e no meu peito quando eu me resfriava.

Porém, o que eu via agora do outro lado da Estrada Velha de Lewiston era uma próspera empresa na flor da idade. A placa pendurada acima da porta (BEBA 7-UP em cima, BEM-VINDO À KENNEBEC FRUIT CO. embaixo) era vistosa a ponto de refletir os raios de sol nos meus olhos. A tinta estava fresca, o telhado ainda não tinha sido curvado pelo tempo. Havia gente entrando e saindo. E na vitrine, em vez de um gato...

Laranjas, pelo amor de Deus. A Kennebec Fruit Company já vendera frutas de verdade. Quem diria?

Comecei a atravessar a rua e recuei quando um ônibus roncou na minha direção. O letreiro acima do para-brisa dividido dizia LEWISTON EXPRESS. Quando o ônibus freou num ponto no cruzamento da ferrovia, vi que a maioria dos passageiros fumava. A atmosfera ali dentro devia estar bem parecida com a de Saturno.

Depois que o ônibus seguiu o seu caminho (deixando para trás um cheiro de diesel semicozido a se misturar com o fedor de ovo podre das chaminés da Worumbo), atravessei a rua, me perguntando rapidamente o que aconteceria se eu fosse atropelado. Sumiria da existência? Acordaria caído no chão da despensa de Al? Provavelmente, nenhum dos dois. Provavelmente apenas morreria aqui, num passado do qual muita gente provavelmente sentia saudades. Talvez porque esqueceram como o passado cheirava mal, ou porque nunca tinham pensado nesse aspecto dos bacanas anos 1950.

Havia um garoto parado diante da Fruit Company, com um pé calçado de bota preta encostado no revestimento de madeira. O colarinho da camisa estava virado para cima na nuca e o cabelo penteado num estilo que reconheci (principalmente pelos filmes antigos) como Jovem Elvis. Ao contrário dos garotos que eu costumava ver nas minhas aulas, ele não usava cavanhaque, nem sequer uma mosca no queixo. Percebi que, no mundo que agora eu visitava (*torcia* que fosse só uma visita), ele seria chutado da LHS por aparecer com um único pelo no rosto. Sumariamente.

Cumprimentei-o com a cabeça. James Dean devolveu o cumprimento e disse:

— Olá, bacana.

Entrei. Um sino tilintou acima da porta. Em vez de poeira e madeira em suave apodrecimento, senti cheiro de laranja, maçã, café e fumo perfumado. À minha direita, havia uma estante de revistas em quadrinhos com as capas arrancadas — *Archie*, *Batman*, *Capitão Marvel*, *O Homem Elástico*, *Cripta*. O cartaz pintado à mão acima desse tesouro que causaria uma crise histórica em qualquer viciado no eBay dizia: QUADRINHOS 50 ¢ CADA TRÊS POR 10 ¢ NOVE POR 25 ¢ FAVOR NÃO MEXER SE NÃO FOR COMPRAR.

À esquerda havia um mostruário de jornais. Nenhum *New York Times*, mas havia exemplares do *Portland Press Herald* e restava um *Boston Globe*. A manchete do *Globe* trombeteava **DULLES INSINUA CONCESSÕES SE CHINA VERMELHA RENUNCIAR À FORÇA EM FORMOSA**. A data de ambos era terça-feira, 9 de setembro de 1958.

5

Peguei o *Globe*, que custava oito centavos, e andei até uma máquina de refrigerante com tampo de mármore que não existia no meu tempo. Atrás dela estava Frank Anicetti. Era ele igualzinho, até as costeletas grisalhas visíveis acima das orelhas. Só que essa versão — Frank 1.0, digamos — era magra em vez de gorducha e usava bifocais sem aro. Também era mais alto. Sentindo-me um estranho no meu próprio corpo, me sentei num dos bancos altos.

Ele indicou o jornal com a cabeça.

— Isso aí lhe basta ou deseja alguma coisa da máquina?

— Qualquer coisa gelada que não seja Moxie — ouvi a minha voz dizer.

Frank 1.0 sorriu.

— Não vendo isso, filho. Que tal uma *root beer*?

— Parece bom. — E parecia. A garganta estava seca, a cabeça quente. Eu me sentia febril.

— Cinco ou dez?

— Como assim?

— *Root beer* de cinco ou de dez centavos? — Ele falava do jeito do Maine: *biiah* em vez de *beer*.

— Ah. Dez, acho.

— Pois acho que você achou certo. — Ele abriu um congelador de sorvetes e tirou uma caneca gelada quase do tamanho de uma jarra de limonada. Encheu-a numa torneira e senti o cheiro da *root beer*, rico e forte. Ele raspou a espuma do alto com o cabo de uma colher de pau, encheu a caneca até a borda e a pôs no balcão. — Aí está. Ela mais o jornal são dezoito centavos. E mais um centavo para o governador.

Entreguei um dos dólares antigos de Al e Frank 1.0 me deu o troco.

Suguei pela espuma do alto e me espantei. Era... *completa*. Totalmente gostoso. Não sei como exprimir melhor do que isso. Esse mundo sumido há cinquenta anos cheirava muito pior do que eu teria esperado, mas o sabor era muitíssimo melhor.

— Está maravilhosa — disse eu.

— Aié? Que bom que gostou. Você não é destas bandas, é?

— Não sou não.

— De fora do estado?

— Wisconsin — respondi. Não era inteiramente mentira; a minha família morou em Milwaukee até eu fazer 11 anos, quando o meu pai arranhou emprego para ensinar inglês na Universidade do Sul do Maine. Desde então, pulei daqui para lá no estado.

— Bem, você escolheu a época certa para chegar — comentou Anicetti. — A maioria dos veranistas já se foi e, quando isso acontece, os preços caem. O que você está tomando, por exemplo. Depois do Dia do Trabalho, na primeira segunda-feira de setembro, uma *root beer* de dez centavos vai custar só cinco.

O sino sobre a porta tilintou; as tábuas do assoalho rangeram. Era um rangido amistoso. Na última vez que me aventurara na Kennebec Fruit, na esperança de encontrar um tubo de antiácido (me desapontei), elas gemeram.

Um garoto que devia ter 17 anos se enfiou atrás do balcão. O cabelo escuro estava cortado curto, mas não à moda militar. A semelhança com o homem que me servira era inequívoca, e percebi que esse era o *meu* Frank Anicetti. O sujeito que raspava o colarinho de espuma da minha *root beer* era o pai dele. Frank 2.0 não me deu nem uma olhada; para ele, eu era só mais um freguês.

— Titus botou a camionete no macaco — informou ao pai. — Disse que fica pronta às cinco.

— Ah, que bom — comentou Anicetti Pai, acendendo um cigarro. Pela primeira vez percebi que o tampo de mármore da máquina de refrigerante era decorado com pequenos cinzeiros de cerâmica. Escrito nas laterais, havia WINSTON TEM O VERDADEIRO SABOR DE UM BOM CIGARRO! Ele voltou a me olhar. — Quer uma bola de sorvete de creme na *root beer*? Por

conta da casa. Gostamos de tratar bem os turistas, ainda mais quando vêm no fim da estação.

— Obrigado, assim está bom — disse eu, e estava. Mais um pouco de doçura e achei que a minha cabeça explodiria. E era *forte*, como beber um café expresso com gás.

O garoto me deu um sorriso tão doce quanto o conteúdo da caneca gelada — não havia nada do desdém divertido que sentira emanar do projeto de Elvis lá fora.

— A gente leu um conto hoje na escola — contou — em que os moradores comem os turistas que aparecem fora da temporada.

— Frankie, isso é uma coisa muito feia de se dizer a um visitante — ralhou o sr. Anicetti. Mas ele sorria ao falar.

— Tudo bem — assegurei eu. — Eu mesmo já usei esse conto nas aulas. Shirley Jackson, não é? *The Summer People*.

— Esse mesmo — concordou Frank. — Não entendi direito, mas gostei.

Dei outro gole na minha *root beer* e, quando a pousei (ela fez um barulho denso e satisfatório no balcão de mármore), não fiquei exatamente surpreso ao ver que estava quase no fim. *Eu poderia me viciar nisso*, pensei. *Deixa Moxie comendo poeira*.

O Anicetti mais velho exalou a fumaça para o teto, onde um ventilador a puxou em preguiçosas vigas azuis.

— Dava aulas em Wisconsin, sr...?

— Epping — respondi. Estava surpreso demais até para sequer pensar num nome falso. — Dou, sim. Mas esse é o meu ano sabático.

— Isso quer dizer que ele está tirando um ano de folga — disse Frank.

— Sei o que quer dizer — retorquiu Anicetti. Ele tentava soar irritado e fazia um péssimo serviço. Decidi que gostava desses dois tanto quanto gostava da *root beer*. Gostava até do candidato a rebelde sem causa lá fora, no mínimo porque ele não sabia que já era um clichê. Havia uma sensação de segurança ali, uma sensação — não sei — de preordenamento. Sem dúvida era falsa, pois este mundo era tão perigoso quanto qualquer outro, mas eu possuía um conhecimento que, antes desta tarde, acreditaria só estar reservado a Deus: sabia que o garoto sorridente que gostara do conto de Shirley Jackson (muito embora não tivesse “entendido”) viveria até o fim daquele dia e ainda durante mais de cinquenta anos. Não morreria num acidente de automóvel, não teria um enfarte nem contrairia câncer de pulmão por respirar em segunda mão a fumaça do pai. Frank Anicetti estava positivo e operante.

Dei uma olhada no relógio na parede (COMECE O DIA COM UM SORRISO, dizia o mostrador, TOME CAFÉ ALEGRIA). Marcava 12h22. Para mim isso não era nada, mas fingi me espantar. Tomei o resto da minha *biiah* e me levantei.

— Tenho de ir andando, senão não encontro os meus amigos em Castle Rock a tempo.

— Então vá com calma na 117 — disse Anicetti. — Aquela estrada é uma brasa. — Fazia anos que eu não ouvia um sotaque tão forte do Maine. Então percebi que isso era literalmente verdadeiro, e quase soltei uma gargalhada.

— Pode deixar — respondi. — Obrigado. E, filho? Sobre aquele conto de Shirley Jackson.

— Sim, senhor? — *Senhor*, pois é. E sem nenhum sarcasmo. Eu estava decidindo que 1958 tinha sido um ano muito bom. Quer dizer, fora o fedor da fábrica e a fumaça de cigarro.

— Não há nada a entender.

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Novembro De 63"
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).